

.Obra que marca a retomada de Rachel de Queiroz ao gênero romance, após um longo intervalo dedicado às crônicas e ao jornalismo, o livro *Dôra, Doralina* — publicado em 1975, com 432 páginas — narra a história de Maria das Dores, viúva recente de um casamento de conveniência que sai da sombra da mãe e de uma vida de submissão para viver em Fortaleza. Na capital do Ceará, Dôra torna-se atriz e passa a viajar pelo Brasil como integrante da trupe de uma Cia de teatro mambembe. Em determinada viagem, conhece o Comandante, homem que desperta seu amor mais profundo e com quem se muda para o Rio de Janeiro, abandonando o teatro. Após sua experiência com o amor que poucos têm coragem de viver, Dôra retorna para sua cidade natal, fechando o ciclo de vivências que a transformaram em outra mulher. A obra pode ser lida como expressão da emancipação feminina, na qual Dôra sai da condição de mulher submissa para conquistar a liberdade de ser o que desejar e levar a vida que quiser. Personagem fascinante, ela é um dos perfis femininos mais intensos da literatura brasileira. Após a publicação dessa obra, que está na 25ª edição, Rachel de Queiroz foi convidada a assumir a cadeira número 5 da Academia Brasileira de Letras, tornando-se assim a primeira mulher a fazer parte da instituição. Em 1993, recebeu o prêmio Camões.



A exposição *Corpo: Onde a Memória e os Processos se Inscrevem*, no Centro Cultural Memorial Getúlio Vargas, propõe diferentes olhares sobre o corpo, suas marcas e relações com a memória. A mostra reúne obras de 68 nomes, entre pinturas, fotografias, esculturas, gravuras, desenhos e objetos. A ideia é apresentar o corpo como um território simbólico, estendendo o conceito para os lugares habitados, que também ajudam a moldar a identidade. A exibição valoriza a ancestralidade e vivências diversas, ampliando a compreensão sobre o que constitui o indivíduo e a coletividade. Com curadoria de Amanda Leite e Claudia Linhares, atravessando pintura, fotografia, escultura, gravura, desenho e objeto, propõe o corpo como espaço simbólico onde se acumulam histórias, afetos, ancestralidades e experiências individuais e coletivas. Segundo Claudia Linhares, a mostra convida o público a compreender o corpo como origem e destino, presença e vestígio ao mesmo tempo — um lugar onde a história continua sendo escrita e a arte pode tornar visíveis as marcas do tempo. A atração conta com Ana Avelar, Betina Guelmann, Flavio Roitman, Karin Cagy, Mateus DiCastro e aSndra Lepage, entre outros.

*Centro Cultural Memorial Getúlio Vargas: Praça Luís de Camões, Glória. Qua. a dom., 10h/15h. Grátis. Até 1º de novembro. Obra de Sandra Lepage, presente na exposição. <-*



*Antártida* é um thriller psicológico sobre sobrevivência, justiça e solidariedade feminina em um dos lugares mais inóspitos do planeta. A produção transformou um estúdio de produção virtual no Rio de Janeiro em um continente gelado convincente, e a estação da Marinha brasileira funciona, de fato, como um lugar inóspito na tela. O filme constrói com cuidado a sororidade entre as mulheres da base, isoladas em um ambiente duplamente hostil: o frio extremo e o machismo estrutural das Forças Armadas. Na Estação Comandante Diniz, na Antártida, a cientista Inês (Marina Ruy Barbosa) é vítima de uma violência. Isolados pelo frio extremo e sem possibilidade de resgate imediato, todos os homens da base se tornam suspeitos, inclusive os de patentes mais altas. A subcomandante Elisabeth (Andrea Beltrão), então, assume a difícil missão de investigar o ocorrido, enquanto as mulheres da estação — Inês, Marina (Leandra Leal) e Rose (Mariana Sena) — se sentem acuadas e se unem para enfrentar o medo, o silêncio e a violência. Cercadas por gelo e por tempestades do lado de fora, elas descobrem que o verdadeiro perigo está do lado de dentro.

*Disponível nos cinemas e no Globoplay. <-*



*Você Sabia?*

Você sabia que Raul Pompeia já desafiou Olavo Bilac para um duelo com espadas? Embora fosse republicano, Bilac fez oposição ao governo do marechal Floriano Peixoto durante a República da Espada, o que resultou em sua prisão por alguns meses. Já Raul Pompéia, que lutou ao lado de Luís Gama na causa abolicionista, era um partidário de Floriano Peixoto e Jacobino — grupo de republicanos exaltados e radicais que atuaram principalmente entre 1893 e 1897, inspirados pelos ideais da Revolução Francesa. Raul Pompéia, em 1890, assumiu o cargo de secretário da Academia de Belas Artes, e no ano seguinte foi nomeado professor de mitologia na Escola de Belas Artes. Em 1892, Olavo Bilac criticou o escritor Raul Pompéia, com zombarias e calúnias, por ele ter aceitado um cargo de quinto escalão do governo. A crítica desagradou muita gente, em especial a Raul Pompéia, e em março daquele ano, na antiga Confeitaria Cailteau na rua do Ouvidor, local que era um dos principais pontos de encontro de escritores, jornalistas e intelectuais da boemia carioca na época, os dois desafetos se encontraram acidentalmente. Após troca de insultos, Bilac partiu para cima de Pompéia, gerando uma briga corporal com socos e empurrões que precisou ser separada por presentes. Após o empurra-empurra, Pompeia, que já sofria calúnias há algum tempo, inclusive de caráter sexual — muito em parte devido a uma leitura equivocada e moralista de sua principal obra, o romance *O Ateneu* (1888) —, desafiou Bilac para um duelo com espadas que só não ocorreu porque amigos em comum intervieram para demover os contendores da ideia no dia e local do combate. O embate terminou num aperto de mãos constrangido, e o episódio ficou célebre na crônica literária nacional — imortalizado por figuras como Arthur Azevedo. Três anos depois, Raul Pompéia foi atingido por um injurioso artigo do jornalista Luís Murat, intitulado *Um louco no cemitério*, que fazia um ataque direto ao seu discurso no funeral de Floriano. Sem encontrar um jornal que desse espaço para sua resposta, ficou profundamente deprimido e, em plena noite de Natal, suicidou-se com um tiro no coração, deixando a seguinte nota: *Ao jornal A Notícia, e ao Brasil, declaro que sou um homem de honra.*

*Raul de Ávila Pompeia (1863-1895). <-*

